

TERESA TEYXEYRA DE SOUZA: UMA AFRICANA NA AMÉRICA SETECENTISTA

Rangel Cercean Netto*

RESUMO:

O artigo retrata o complexo universo colonial da América portuguesa setecentista, especificamente da Comarca do Serro Frio e dos sertões entre as Capitanias de Minas Gerais e da Bahia. Analisa-se a história de uma africana do reino do Congo que chegou à América. A nossa perspectiva insere-se nos eixos da escravidão, dos trânsitos e das mestiçagens a partir do estudo das dinâmicas de mobilidade material, social e física, fruto da análise da trajetória individual de Theresa, uma ex-escrava que conquistou a alforria e se tornou proprietária de escravos.

PALAVRAS-CHAVE: *Alforria. Escravidão. Mobilidade Social. Mulheres africanas.*

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no que tange à historiografia sobre o período colonial das Américas, as trajetórias de vida de homens e mulheres têm causado grande fascínio em pesquisadores e em leitores ávidos por histórias de nosso passado. O interesse pelas dinâmicas da escravidão, dos trânsitos culturais e das mestiçagens, nas quais se insere este estudo, surgiu pela valorização de personagens ou de grupos anônimos que viveram e formaram as populações do complexo universo colonial americano.

Desde o fenômeno da obra **O queijo e os vermes** que retrata o cotidiano e as idéias de Menocchio, um moleiro perseguido pela Inquisição, do historiador italiano Carlo Ginzburg (1987), os estudos de trajetórias individuais têm iluminado as novas abordagens historiográficas. Neste caso, dentre as

* Mestre e doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esta pesquisa conta com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Email: cerceaup@gmail.com.

diversas influências que essa obra nos legou, uma se destaca: a possibilidade de retratar metodologicamente uma dada realidade sociocultural a partir de um estudo de caso.

A partir do exemplo de Menocchio se pode pensar acerca do paradigma de mobilidade, o qual imprime dinâmica especial à circularidade e aos trânsitos individuais, grupais e familiares. No caso das Américas não podemos esquecer que por detrás dos processos de análises das pequenas biografias individuais estão inseridas as dinâmicas migratórias que levaram cerca de 30 milhões de indivíduos de outros continentes a espaços distantes. O choque demográfico causado por esses deslocamentos resultou num amplo processo de adaptações dos povos nativos e dos povos que chegaram de fora do continente americano e que aqui passaram a viver. É nesta perspectiva que se insere o testemunho envolvendo parte da trajetória de vida da africana Theresa Teyxeyra de Souza, preta forra, do reino do Congo.

ENTRE BRANCOS, CABRAS, CRIoulos, PARDOS E MULATOS

A história de vida da africana Theresa ilustra a dinâmica da escravidão e das mestiçagens. Submetida à condição de escrava ainda na África, Theresa foi “capturada” próximo ao litoral ocidental deste continente no “reino do Congo” e, posteriormente, remetida, via tráfico atlântico, para o Brasil. No porto escravista brasileiro, provavelmente em Salvador, na Bahia, foi vendida ao português João Teyxeyra de Souza, que era coronel dos distritos das vilas de Cairú e Boipeba na Capitania da Bahia,¹ em 1727. No comboio do coronel, Theresa cruzou os caminhos dos sertões em direção às minas do Serro Frio e logo conquistou a sua alforria pelos bons serviços prestados e “por esmola que o dito senhor” lhe fez.²

No sítio do Jequitinhonha, já na Capitania de Minas Gerais e dentro da demarcação diamantífera, passou a viver no espaço de “uma legoa e meia de terras” cedidas por sesmaria ao coronel João Teyxeyra de Souza para completar a área de sua fábrica e engenho de cana.³ É possível que tenha sido nesta região, entre os anos de 1727 a 1749, que a nossa personagem construiu grande parte de suas relações afetivas e familiares. Theresa, antes de ser casada com o

¹ Arquivo Histórico Ultramarino – Baía, Carta Patente, cx. 26, doc. 131.

² Arquivo do Fórum do Serro – TEST - Códice 07, f. 113v-118. Testamento de Theresa Teixeira de Souza, preta forra, 1749.

³ Revista Arquivo Público Mineiro (APM). v. 6, 1901, p. 251-253. Carta de Sesmaria, 05 ago. 1739.

cabra de nação Luis Monteyro, revelou ter tido três filhos de relacionamentos consensuais. Assim ela dizia:

Declaro que fui cazada com Luis Monteyro nassaõ cabra de quem nunca tive filho algum nem herdeyros do dito pertence couza alguma dos bens que se me acharem mas antes elle me estruhio [sic] ao que eu pesuhia//Declaro que antes de eu ser cazada já tinha tres filhos duas fêmeas e hum macho por nomes Catherina crioulla, Maximiano Teyxeyra de Souza mullato, Theodora Teyxeyra de Souza parda que são os meus herdeyros forssados.⁴

Com essas palavras, a ex-escrava africana revelava, em 1749, as contradições de uma sociedade que distinguia e hierarquizava os sujeitos sociais. Já no arraial do Tejuco, atual Diamantina, a preta forra Theresa (geralmente, essa era a designação utilizada para os negros africanos libertos), assim como muitas outras mulheres de seu tempo, havia contraído, antes do casamento, três relacionamentos concubinários que resultaram em três filhos: uma crioula, uma parda e um mulato. Nota-se que os diferentes fenótipos adotados a filhos de uma mesma mãe não é incomum na América portuguesa.⁵ A vida familiar de Theresa revela muito sobre algumas distinções oriundas da escravidão, da ascendência dos pais em relação aos filhos, e demonstram alguns dos graus de mestiçagem delineados pela qualidade e pela condição sócio-jurídica atribuídas aos mesmos.⁶

A trajetória de Theresa sintetiza a história de vida de muitas mulheres que através dos relacionamentos consensuais tiveram filhos de diferentes qualidades e conseguiram mudar a condição sócio-jurídica de escrava para forra (CERCEAU NETTO, 2008, p. 78-79). Isto já demonstra a proximidade cotidiana entre senhores e escravos, o que, por vezes, causava intimidade, gerando filhos e compromissos que invertiam os valores e as hierarquias.

Todavia, é preciso ressaltar que nem todas as pessoas envolvidas em relações consensuais conquistaram sua carta de alforria em razão destes laços, mesmo porque, em muitos casos, os indivíduos já eram libertos ao se envolverem em tais uniões. A intimidade destas relações poderia aflorar também no trabalho conjunto do dia a dia. Em suma, uma das motivações para as liberdades eram as relações afetivas estabelecidas pelas escravas com libertos

⁴ Arquivo do Fórum do Serro – TEST - Códice 07, f. 114v. Testamento de Theresa Teixeira de Souza, preta forra, 1749.

⁵ Sobre as distinções entre qualidades de mulatos, crioulos, mamelucos, ver Cerceau Netto (2010, p. 164-185); Amantino (2010, p. 81-100); Libby (2010, p. 41-62) e Ivo (2009).

⁶ Sobre as distinções de cor e mestiçagens ver Libby (2010, p. 40-62).

e livres, as quais geravam prole. Nesse caso, cabe ressaltar que não se pretende discutir se a natureza do relacionamento sexual e familiar envolvendo Theresa foi imposta ou escolhida pela ex-escrava. Talvez as duas situações ocorreram ao longo de sua vida. Entretanto, seu testamento não deixou indícios que confirme uma ou outra possibilidade.

No testamento de Theresa não encontramos referências diretas aos pais de seus filhos. Temos fortes suspeitas que o filho mulato Maximiano Teyxeyra de Souza foi fruto de um possível enlace da ex-escrava africana com o próprio coronel português, seu antigo senhor. Infelizmente, o testamento do coronel encontra-se em péssimo estado de conservação, quase ilegível, não sendo possível confirmar o seu envolvimento extraconjugal com a liberta Theresa. Porém, sabemos que ele era homem branco, natural do bispado do Porto, casado e tinha alguns filhos ilegítimos, além de atuar na produção de bens alimentícios e no contrato de diamantes, alugando “alguns escravos de jornais”.⁷ O fato é que Theresa, depois de liberta, e até no final de sua vida, mantinha intimidade com o coronel. Certamente, ela exerceu atividade laboral em conjunto com ele, sendo uma de suas escravas preferidas, por isso foi agraciada com a alforria “gratuita”, na qual as motivações afetivas ficaram ocultas no silêncio dos documentos. No leito de morte, a confiança e o respeito que ela nutria por ele ficaram evidenciados quando Theresa o elegeu como o seu testamenteiro juntamente com seu filho Maximiano.

Em muitos casos, o envolvimento de escravas com senhores possibilitou novos entendimentos sobre as relações escravistas. As estratégias utilizadas pelas africanas, crioulas e mestiças foram eficazes para que elas adquirissem suas alforrias e melhores condições econômicas e sociais por meio de relacionamentos amorosos. Muitas dessas mulheres intensificaram seu caráter de agente ativo ao conquistarem e manterem relacionamentos com homens de melhor condição sócio-econômica e de qualidades sociais distintas (PAIVA, 2009, p. 120-121).

Segundo Faria, em lugares onde predominou a escravidão de negros da África, as mulheres detiveram maiores recursos que os homens para se tornarem livres. Algumas das explicações estão relacionadas à capacidade das africanas de acumular pecúlio, mesmo na condição de escravas. Essa aptidão configura-se como um dos traços culturais delas. As atividades no pequeno

⁷Arquivo do Fórum do Serro - TEST- Códice 09, f. 03-06v. Testamento do Coronel João Teixeira de Souza, 1754.

comércio de todo gênero, no serviço doméstico ou mesmo como concubinas de seus senhores, servem como argumentos para explicar o maior número de manumissões de mulheres em relações aos homens (FARIA, 2004, p. 111-112).

Em alguns casos não generalizados, muitas africanas e suas descendentes, ao seduzirem e provocarem contatos amorosos, tiveram a possibilidade de garantir recursos materiais para o futuro, ao gerar filhos mestiços de seus senhores, e de conquistar melhores condições na vida em cativo ou adquirindo sua liberdade (FURTADO, 2003, p. 22). Este é o lado mais complexo e menos conhecido dos envolvimento sexuais e amorosos das relações escravistas, tendo em vista que o imaginário sobre as escravas foi construído propositalmente sobre o estigma da vitimização, da violência e da exploração sexual. Premissas que, de certa forma, impossibilitaram ver essas mulheres como agentes históricos e até mesmo como proprietárias de escravos.

DE CATIVA À DONA DE ESCRAVOS

Exemplo de mobilidade, Theresa é uma daquelas senhoras que desempenharam papel importante na dinâmica interna da sociedade escravista colonial. Ao se libertar do cativo, imprimiu sua trajetória à própria lógica escravista. Theresa tornou-se proprietária de cinco escravos mina e reafirmou os mesmos princípios de gratidão e propriedade que herdou da estrutura cultural africana e de seu antigo senhor. Com o pequeno pecúlio que havia adquirido, não demorou muito para essa ex-escrava africana investir na compra e no resgate de escravos de sua rede social. Dirigiu-se a João da Silva Guimarães, homem de sua rede de contatos e um dos principais do sertão e fez-lhe o resgate de um escravo. Segundo Ivo, esse homem foi responsável pelas descobertas de esmeraldas, ouros e diamantes nos caminhos que ligavam as Capitânicas de Minas Gerais e da Bahia (Ivo, 2009, p. 23-31). Theresa então pagou duzentas oitavas de ouro pela compra de Antônio Moreira da Costa, cabra de nação, o qual passou a ser seu devedor, conforme consta em seu inventário:

Declaro que me deve Antonio Monteyro da Costa, cabra de nassão duzentas oitavas de ouro procedidas da sua própria alforria que o resgatey de Seu Senhor Joaõ da Silva Guimaraens cuja divida se cobrará e se paxará ao monte de meus bens para Se repartir como for direyto//.⁸

⁸ Arquivo do Fórum do Serro – TEST - Códice 07, f. 115. Testamento de Theresa Teixeira de Souza, preta forra, 1749.

A africana reafirmava os laços de dependência quase que impagáveis e tão comuns entre senhores e escravos. Ela criou mais do que uma relação de subordinação entre credores e devedores. Afinal, a ex-escrava e agora senhora Theresa, não só havia estabelecido com seu escravo Antônio dívidas de cunho pecuniário, mas, sobretudo, de obrigação afetiva e moral. Assim, tornar-se proprietária de escravos era uma ação que lhe permitia ascender material e socialmente minimizando os estigmas da própria escravidão à qual foi submetida.

O pagamento da manumissão feito por Theresa, que não era a beneficiária direta da carta emancipatória, conotava uma modalidade chamada de alforrias por pagamentos de terceiros, muito comum em Minas Gerais e em Lima no período colonial (GONÇALVES, 2008, p. 59-75). Essa prática de alforria era muito comum também em cidades de Portugal, da Espanha e de outras regiões da América. Mas, o que nos interessa é que essa modalidade distinguia-se por sua ambiguidade. Por um lado, porque evidenciava os laços comunitários ou familiares que permitiam o favorecimento do escravo por meio de recursos monetários sob a forma de empréstimo ou de doação. No caso do cabra Antônio, parece que ele foi beneficiado pela forma de empréstimo. Por outro lado, ela delineava uma maneira específica de obtenção de mão de obra que se distanciava do aluguel. De acordo com Gonçalves, esse tipo de manumissão permitia que a financiadora da alforria, neste caso Theresa, usufruísse temporariamente do cativo Antonio, aproveitando-lhe os anos de sua maior produtividade com a vantagem adicional de ter assegurado o reconhecimento e a confiança por parte do mesmo, o que conferiria alguma estabilidade à relação escravista (GONÇALVES, 2008, p. 73).

Theresa, mesmo não sendo letrada, conforme consta em seu testamento, parece ter obtido pela cultura oral um alto conhecimento prático sobre as estratégias de alforrias. Afinal, ela havia se tornado uma pequena proprietária de escravos utilizando-se de estratégias bem complexas que associavam a questão pecuniária, os laços afetivos e até mesmo a reelaboração das relações sociais entre ela e os seus escravos. É pouco o destaque historiográfico dado às africanas que tiveram a experiência do cativo e depois se tornaram donas e mercadoras de escravos.

O exemplo de Teresa, certamente, motivou muitos outros escravos a buscarem suas alforrias e, posteriormente, vencidas as etapas pela conquista da

liberdade, grande número desses libertos empenhava-se na compra de escravos, tornando-se proprietários de pequenos e médios plantéis. Tais situações revelam o quanto eram complexas e contraditórias as relações escravistas. Theresa havia modificado a condição imposta pelas hierarquias sociais e jurídicas vigentes naquela sociedade, mas após sua liberdade passou a afirmá-las ao investir seus recursos na compra e venda de escravos. Individualmente, essas pessoas acabavam formando grupos sociais que contribuíram para legitimar e manter a escravidão.

Furtado (2002), analisando o censo populacional realizado em 1774, no arraial do Tejuco, verificou como este local era majoritariamente formado pela população negra e mestiça. Ela também observou que uma parcela significativa de escravos era de propriedade de pessoas libertas. Surpresa com tal constatação, a autora afirmava que “hoje, pode nos parecer inconcebível o acúmulo de escravos entre os libertos, que tão duramente haviam vivido a escravidão [...], sendo a maioria africana” (FURTADO, 2002, p. 496-512). A sua constatação revelava que algumas das ex-escravas africanas optavam por aplicar o seu pecúlio na compra de planteis para a atividade de ganho, ou seja, utilizavam-se do aluguel e da sublocação dos seus compatriotas e “irmãos de cor” para adquirirem rendas e auferirem lucros. Para explicar os motivos que levaram essas africanas a investirem na compra de escravos, certamente os mecanismos de sobrevivência e de promoção social estavam associados à própria experiência e estrutura de vida dessas mulheres no comércio de escravos na África.

Muitas destas atuações marcaram diferentes práticas sócio-culturais empregadas por mulheres escravas, libertas e livres, de diferentes origens, grupos africanos de formas e cores distintas. Em suas atitudes mantiveram ou buscaram um status para afirmar ou superar os estigmas sociais provenientes da desigualdade da sociedade escravista ao mesmo tempo em que afirmavam e ajudavam a mantê-la. Figueiredo, em seu estudo pioneiro sobre o cotidiano e o trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII, demonstrou como essas mulheres dominavam o comércio de todo tipo de mercadorias, principalmente, as de tabuleiros, vendendo variados gêneros comestíveis de secos e molhados (FIGUEIREDO, 1993, p. 32-71). Comércio miúdo que no varejo impulsionava a dinâmica interna das Américas e ajudava a disseminar a sociedade mercantil articulada ao trânsito oceânico do grande varejo. Assim, Theresa é um exemplo

dentre diversas mulheres que buscaram autonomia e inserção na vida cotidiana como promovedoras ativas da ação histórica.

Ivo, em estudo recente sobre homens e mulheres de caminho, demonstrou que as mulheres estiveram transitando pelos sertões, atuando no comércio de “grosso trato”, possuindo passadores para as suas cargas e sendo até mesmo proprietárias de grandes plantéis de escravos. Constatou também a presença constante de escravos e libertos comercializando em espaços considerados pertencentes a homens de negócios oriundos da elite portuguesa (Ivo, 2009, p. 17-18).

Nos caminhos dos sertões, a primeira mobilidade de Theresa foi espacial e, mediante a sua própria ação, tornou-se material e social. É possível que pelos negócios que demonstra ter desenvolvido em seu testamento, Theresa tenha sido uma destas mulheres que atuaram nos caminhos dos sertões, fazendo negócios, contraindo dívidas e passando crédito através do empenho da palavra. Com conhecimento adquirido a duras penas no pequeno comércio de escravos, ela os aplicava no seio familiar. Criou redes de parentesco por meio das relações de apadrinhamento. Em seu testemunho, no leito de morte, revelou que devia ao afilhado João mina, ainda escravo, cinquenta oitavas de ouro. Certamente, pela confiança que ambos nutriam, o débito havia sido contraído há muitos anos por empréstimo ou por promessa de ajudá-lo, em função da relação de compadrio. Theresa, preocupada em satisfazer o compromisso empenhado em vida, legou a seu testamenteiro a responsabilidade de achar seu afilhado ausente e pagar-lhe o valor da dívida, que seria empregado provavelmente para adquirir sua liberdade.

Declaro que devo mais a meu afilhado Joaõ mina cuja divida contrahi há muintos annos e nam sey para cuja parte se abzentou o dito meu afilhado, e como he cativo se procure quem he seu Senhor que o ignoro e se lhe entregue mas ditas cincoenta outavas de ouro por lhe pertencerem pello dito meu afilhado ser seu escravo.⁹

A experiência de Theresa no comércio de escravos fez com que ela utilizasse estratégia legal e sem suspeita para que seu afilhado recebesse o valor que lhe era devido, mas pelas mãos de seu proprietário. Reconheceu a dívida em testamento e por não saber da atividade econômica em que o seu

⁹ Arquivo do Fórum do Serro – TEST - Códice 07, f. 115. Testamento de Theresa Teixeira de Souza, preta forra, 1749.

afilhado era empregado, ou por sabê-la ocultamente, ela se valeu da precaução. Sem dúvida, por ser também dona de escravos, ela sabia que as estratégias de negociação para as liberdades eram melindrosas e condicionais. A questão da confiança para a negociação das alforrias era fundamental. Dependendo da atividade exercida pelo afilhado e a sua própria condição de cativo, exigia-se a comprovação e procedência dos valores adquiridos. Afinal, a alforria, fosse ela comprada ou gratuita, dependia do consentimento ou da negociação entre o escravo e o seu senhor.

Outro ponto importante revelado pelas relações de compadrio era a confiança que a mãe e/ou o pai de João mina depositava[m] em Theresa ao elegê-la madrinha de seu filho. No momento do batismo, a escolha pelos padrinhos e madrinhas recaía sobre aqueles que pudessem assistir aos seus afilhados escravos, no intuito de favorecê-los na conquista da liberdade. Assim, ao escolher Theresa como madrinha, os pais africanos reconheceram nela a capacidade de auxílio ao confiar o seu filho. Provavelmente, a condição de ex-escrava que conquistou a liberdade, e se tornou mercadora de escravos relativamente bem sucedida, tenha feito de Theresa a madrinha da criança.

Tais aspectos já foram observados por africanistas como Lovejoy (2002) e Thornton (2004) que, ao estudarem a África atlântica, reafirmaram que a escravidão foi possível, em grande parte, devido ao envolvimento dos africanos com a escravidão na própria África. De acordo com Thornton, a escravidão naquele continente seria difundida porque, conforme costumes e estruturas legais africanas, os escravos eram a principal forma de propriedade privada que produzia rendimentos, ao contrário do sistema legal europeu que privilegiava a terra (THORNTON, 2004, p. 122-152). Nas Américas, casos como o de Theresa podem corroborar a hipótese de que a escravidão estava enraizada nos próprios africanos. Muitos escravos, ao conquistarem sua liberdade, optavam por investir o seu pecúlio na compra de cativos, evidenciando essa herança cultural transportada da África e intensificada nas Américas.

A violência gerada pelas relações escravistas também pode ser percebida no testamento de Theresa, pois além de se tornar dona de escravos, mostrou-se também enérgica, como muitos outros proprietários brancos, pardos e mulatos o foram naquela condição. Em seu testemunho, ela declarou que tinha dois escravos aleijados, João e Manoel “mina”. Sendo citada para compensá-los com a alforria em virtude da deficiência adquirida enquanto era proprietária deles, não o fez. Assim, relatou:

declaro que tendo eu [arejado] [ilegível] dous negros Francisco mina e Joaquim mina e Sendo Citada para os Remir pedi e Roguei a meu Senhor e Testamenteyro os quizesse Remir o que fez pagando por elles ambos Cento e cincoenta outavas de ouro dos quaes está elle dito Senhor de posse com declaração deque [ilegível] por meu falecimento[perda] verem os dittos negros [perda] deminuição alguma [perda] aleijão // [ilegível] [emfermi]dade Repor elle dito Senhor parte no monte de meus bens cincoenta outavas de ouro para se repartirem pellos herdeyros da minha terça e da do que os taes negros tenhaõ mudado de condissão e estejaõ de[ilegível] ou tenha morrido algum não terá o dito Senhor e pessuhidor obrigação alguma Só a que teve de dar as cento e cincoenta outavas de ouro que ja por elles tinha dado//.¹⁰

Talvez, nunca saberemos as causas que haviam levado os escravos de Theresa a adquirirem tais deficiências no serviço laboral. O fato é que ela concedeu ao seu antigo senhor a possibilidade de compra dos cativos mediante pagamento de cento e cinquenta oitavas de ouro, o que acabou ocorrendo e nos mostra como Theresa tinha conhecimento prático sobre o mercado de crédito e escravos que movia a economia colonial.

O caso de Theresa não é único na história da escravidão nas Américas. Muitas mulheres de origem e de camadas sócio-jurídicas distintas como escravas africanas e suas descendentes, que se tornaram libertas, atuaram intensamente na produção e no comércio de diversas atividades que iam desde as práticas extrativistas do ouro e diamante, passando por fiandeiras, mercadoras, prostitutas, chefes de família e pelo domínio na venda de alimentos e de panos, até proprietárias de escravos e promovedoras do tráfico. Muitas dessas tarefas já eram exercidas e dominadas pelas africanas na própria África. Segundo Pantoja, essas mulheres tinham uma “dimensão atlântica” e atuaram nas cidades africanas, nas européias e nas americanas, o que tem exemplificado, em escala comparativa e global, uma prática atuante nos diversos segmentos sociais. Especificamente para a realidade de Angola, as quitandeiras eram os tipos mais comuns de mulheres comerciantes e configuravam os grupos das médias proprietárias de escravos (PANTOJA, 2001, p. 35-49).

Foi justamente o deslocamento e a herança cultural derivada das formas de viver trazidas por elas que ajudaram a constituir o caldeirão populacional americano. Não só pelo impacto demográfico exercido pela entrada constante dessas mulheres nas Américas até o século XIX, mas, sobretudo, por que as

¹⁰ Arquivo do Fórum do Serro – TEST - Códice 07, f. 114-115. Testamento de Theresa Teixeira de Souza, preta forra, 1749.

africanas e suas descendentes também se constituíam num dos principais contingentes femininos responsáveis por gerar e criar a população derivada da reprodução interna, o que fez o *locus* das Américas tornar-se a *orbi* do mundo no período da história moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Theresa é um exemplo de mobilidade que contribui para uma importante revisão das ideias sobre a escravidão e a mestiçagem. Embora numa situação difícil, desde a sua captura na África até ser escrava do coronel João, Theresa conseguiu amedidar certa quantia, demonstrando que, para muitas dessas mulheres, a condição de cativa não era sinônimo de uma situação fixa e intransponível. Os laços afetivos, principalmente os que geravam filhos, ajudaram na obtenção da liberdade. A maleabilidade da vida desta africana estava intimamente ligada às relações que estabeleceu com o seu senhor. As dinâmicas das mestiçagens culturais e biológicas, intrinsecamente ligadas à capacidade humana de gerar filhos e de estabelecer contatos com outros africanos e portugueses, favoreceram Theresa a ir além de sua condição de “coisa” e de escrava.

O conhecimento adquirido ou já pertencente a Theresa fez com que ela estabelecesse redes de contatos e se utilizasse de estratégias eficazes que lhe assegurassem a conquista de certas vantagens no pequeno comércio e na confiança que muitos lhe depositavam. Empenhar a palavra naquela sociedade e fazer parte da complexa rede de crédito que movia a economia colonial não era tarefa só de portugueses. Tornar-se liberta e proprietária de escravos foram as opções apresentadas pelas configurações socioculturais de uma africana na América Portuguesa. As possibilidades de ascensão conquistada por Theresa em nada se assemelham à história da vitimização e da passividade tão comuns no imaginário sobre a escravidão e os africanos. Para além da situação de alienação, de ignorância e de competências, a história dessa africana contraria a abordagem mais tradicional da historiografia. Para explicar a escravidão, essa produção histórica descreveu a vida de milhões de mulheres e homens escravizados como sujeitos sem vontade própria e sem condição de exercer poder sobre os outros. A condição de escrava não extinguiu a possibilidade de Theresa estabelecer disputas pelo poder pautadas nas distinções culturais e étnicas vivenciadas na África e nas Américas.

Essas mulheres, por vezes, estabeleciam redes de contatos que envolviam pessoas de todas as camadas sociais, construindo amizades com escravos, mas também com gente poderosa como militares de alta patente, fazendeiros, homens de negócio, padres e autoridades judiciais e de governo. Essas interações que elas estabeleciam internamente na sociedade colonial promoviam um espaço de negociação social. Às vezes, elas eram tensas e violentas, outras, aproximavam realidades díspares. Assim, Theresa, na condição de escrava e depois de liberta e proprietária de escravos, lançou mão de estratégias de sobrevivência e foi um exemplo perfeito do que temos chamado de mediadores culturais, gentes capazes de se deslocar espacialmente e, ao fazer isso, intercambiar culturas, adaptando e promovendo conhecimentos, práticas, crenças, valores, formas de viver e maneiras de pensar.¹¹

THERESA TEYXEYRA DE SOUZA: AN AFRICAN WOMAN IN EIGHTEENTH CENTURY AMERICA

ABSTRACT

The article portrays the complex colonial universe of the eighteenth century Portuguese America, specifically of the Comarca do Serro Frio and of the regions of the Sertões of Minas Gerais and Bahia. At these places, we tried to analyze the history of an African woman from the kingdom of Congo who had arrived at America. Our approach fits in with the axes of the slavery, cultural transit and mestizaje from the study of the dynamics of social, physical and material mobility fruit of the analysis of Theresa preta's individual path, an ex-slave who achieved freedom and became a free person and owner of slaves.

KEY-WORDS: *African Woman. Freedom. Slavery. Slave Trade.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNAND, C.; GRUZINSKI, S. **Historia del Nuevo Mundo**. Los mestizajes, 1550-1640. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. [Trad.]

CERCEAU NETTO, R. **Um em casa de outro: concubinato, família e mestiçagem na comarca do Rio das Velhas (1720-1780)**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2008.

¹¹Entre muitos outros, ver: Bernard; Gruzinski (1999); Garcia; Medina (2001); Gruzinski (2004).

_____. População e mestiçagens: a família entre mulatos, crioulos e mamelucos em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, E. F.; IVO, I. P.; MARTINS, I. C. (Org.). **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Vitória da Conquista: Ed. Uesb, 2010.

FARIA, S. de C. **Sinhás pretas, damas mercadoras**. As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850). 2004. Tese (Professor Titular) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

FIGUEIREDO, L. R. de A. **O avesso da memória**: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: EDNB; José Olympio, 1993.

FURTADO, J. F. **Chica da Silva e o contratador dos diamantes** – O outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Entre becos e vielas: o arraial do Tejuco e a sociedade diamantífera setecentista. In: PAIVA, E. F.; ANASTASIA, C. M. J. (Org.). **O trabalho mestiço**: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI e XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2002.

GARCIA, C.; MEDINA, M. R. (Coord.). **Ciudades mestizas**: intercambios y continuidades en la expansión occidental. Siglos XVI a XIX. Actas del 3er. Congreso Internacional Mediadores Culturales. México: Condumex, 2001.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. B. Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, A. L. Práticas de alforrias nas Américas: dois estudos de casos em perspectiva comparada. In: PAIVA, E. F.; IVO, I. P. (Org.). **Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Vitória da Conquista: Ed. Uesb, 2008.

GRUZINSKI, S. **Les quatre parties du monde**. Histoire d'une mondialisation. Paris: Éditions de la Martinière, 2004.

IVO, I. P. **Homens de Caminho**: trânsitos, comércio e cores nos sertões da América portuguesa – século XVIII. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

LIBBY, D. C. A empiria e as cores: representações identitárias nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX. In: PAIVA, E. F.; IVO, I. P.; MARTINS, I. C. (Org.). **Escravidão, mestiçagens, populações e identidades culturais**.

São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Vitória da Conquista: Ed. Uesb, 2010.

LOVEJOY, P. E. **A escravidão na África**: uma história de suas transformações. Trad. R. A. R. F. Bhering e L. G. B. Chaves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

PAIVA, E. F. **Escravos e libertos nas Minas Gerais do século XVIII**: estratégias de resistência através dos testamentos. 3.ed. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG, 2009.

PANTOJA, S. **Donas de “arimos”**: um negócio feminino no abastecimento de gêneros alimentícios em Luanda (séculos XVIII e XIX). In: _____. (Org.). *Entre Áfricas e Brasis*. Brasília: Paralelo 15; Marco Zero, 2001.

THORNTON, J. K. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**. Trad. M. R. Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANEXO

TESTAMENTO DE THERESA TEYXEYRA DE SOUZA

[fl.113v]

Registo do Testamento com que faleceu Theresa/ 8 Teyxeira de Souza pretaforra no Arayal do Te/ 9 juco em 30 de Abril de 1749 Seu ttro [testamenteiro] Maximiano/ 10 Teyxeira de Souza/ 11 Em nome da Santissima Trindade Padre/ 12 Filho e espirito Santo tres pessoas distintas e/ 13 hum so Deos verdadeyro. Saybaõ quantos/ 14 este Instromento virem como no anno do Na/ 15 cimeno denosso Senhor Jesus christo de mil/ 16 e Sette Centos equarenta e nove annos aos trin/ 17 ta e hum demarco estando em meu perfeito/ 18 Juízo e entendimento que nosso Senhor medeu/ 19 com emfermidade em humacama, temendome/ 20 da morte e dezejeando por minha alma no ca/ 21 minha boda Salvação por nam Saber o que Deos/ 22 nosso Senhor quererá fazer quando Será/ 23 Servido de me levar para Sy fassoeste Testamento na forma Seguinte/ / Primeyra/ 25 mente em comendo a minha alma a Santi/ 26 ma Trindade que a Criou e Rogo ao Padre/ 30

[fl. 114]

ao Padre eterno pella morte payxaõ de Seu/ 1 unigênito filho aqueyra Receber como Recebeu/ 2 a Sua estando para morrer na arvore da/ 3 veracruz e Rogo a meu Senhor Jezus crbis/ 4 to que pellas Suas divinas chagas já quenestavida/ 5 me fizes merce deda [sic] o Seu precioso Sangue em/ 6 recimentos e Seus trabalhos me fassa tambem/ 7 merce navida que esperamos

dar o premio della/8quebeagloria epessoe Rogo agrorioza[sic]sempre/9virgem maria
 Nossa Senhora MadredeDeos/10ea rodos os Santtos daCorte Selestial primeyra/11mente
 aoAnjodaminhaguardaeaoSanto do/12meu nome eatodos osmais Santtos deque
 sou/13devoto queyraõ por mim enterceder e Rogar a/14meu Senhor Jezus crhisto agora
 equando/15minhaalma desseCorposahir porque como/16verdadeyra christå protesto deviver
 emorrer/17amaSanttafé catholica ecrer oquecre a San/18taMadre Igrejade Romaemestafé
 espero/19Salvar minha alma não por meus merecimen20tos mas pellos daSantissima
 Payxaõ do Unige/21to filho de Deos// Rogo amen Senhor/22quefoi oSenhor Coronel
 Joaõ Teyxeyra de Sou/23za eameu filho Maximiano Teyxeyra de Sou/24za por Servisso
 de Deos eporme fazerem mercê/25queyraõ ser meus Testamenteyros para que/26qualquer
 delles dem cumprimento aestemeu/27Testamento e ultima vontade// Meu corpo/28será
 enterrado ema Igrejade nossaSenhora/29do Rozario deste Arrayal do Tejuco emabito/30que
 bouver naocaziãõ, emfalta delle embum/31lensol, Acompanharmehaõ os Sacerdotes /32para
 aSepultura que meus Testamenteyros [perda]/33detreminare[m] [perda] também mandaraõ
 fazer/34os sufragios que lbe parecer segundo [perda]/35

[fl. 114v]

Os bens que me pertencerem[ilegível]/1[ilegível] quenessa parte dou tudo por bem
 feito/2for me [?] enaliozo sem que por isso [ilegível]alguns/3a quem pertencer o conhecimento
 deste meu/4Testamento lbe possa fazer carga nemobrigar/5alguma couza// Declaro que
 sou natu/6ral do Reyno do Congo e fui cativa de demeu Se/7nbor e Testamenteyro ocoronel
 Joaõ Teyxeyra /8de Souza e hoje forra por esmolla que odito Senhor/9mefes// Declaro
 que fui cazada com Luis/10Monteyro nassaõ cabra deque[m] nunca tive filho/11algum
 nem berdeyros dodito pertence couza al/12guma dos bens que se meacharem mas antes
 elle/13meestrubio [sic] aoqueenpesubia// Declaro que /14antes deeu ser cazada játinha
 tres filhos duas/15fêmeas e hum macho pornomes Catherina criou/16lla , Maximiano
 Teyxeyra de Souza mullato,/17Theodora Teyxeyra de Souza parda que saõ os/18meus
 berdeyros forssados// Declaro que/19os bens que peso aofazer deste saõ dous negros/20João
 mina, Manoel mina, cujos seavaliaraõ/21equerendoos pella dita avaliaçãõ algum
 dos/22ditos meus berdeyros perferiraõ dando a cada/23hum dos mais oque lbetocar exseto
 aminhater/24que essa entregarãõ aomenTestamenteyro/25 para elle adispor nos meus Legado
 eSugragios/26como lbe parecer// declaro que tendoeu [arejado]/27[ilegível] dous negros
 Francisco mina e Joaquim/28mina eSendo Citada para os Remir pedi eRo/29guei amen
 Senhor eTestamenteyro os quinze/30sse Remir oque fez pagando por elles ambos Cen/31to e
 cincoenta outavas de ouro dos quaes está/32elle dito Senhor deposse comdeclaraçãõ dequ/33
 [ilegível] porme falecimento[perda]verem osditos negros/34[perda] deminuiçãõ alguma
 [perda] aleijãõ ou emfer/35

[fl. 115]

[ilegível] [emfermi]dade Repor elle dito Senbor parte no/1 monte de meus bens cinquenta outavas de/2ouro para se repartirem pellos herdeyros /3da minha terça e dadoque os taes negros/4tenhaõ mudado de condissão eestejaõ de[ilegível]/5ou tenha morrido algum não terá o dito Senbor/6epessubidor obrigação alguma Só aque teve dedar/7ascento ecincoenta outavas de ouro queja pore/8les tinhadado/ / Declaro que me deve An/9tonio MonteyrodaCosta, cabradenassão duzentas/10outavas deouro procedidas dasua própria al/11forria que o resgatey deSeu Senbor João da Sil/12va Guimaraens cujadivida se cobrará e sepa/13xará aomonte de meus bens para Se repartir/14comofordireyto/ / Declaroquedevo a/15Antonia Teyxeyra nassaõ mina cinquenta ou/16tavas deouro Sem credito quesehebepagaraõ/ / /17Declaro quedevomais ameu afillhado Joaõ/mina cuja divida contrabi há muintos annos/19enamsey paracujaparte se abzentou odito meu/20afillhado, ecomobe cativo seprocure quem he seu/21Senbor que oignoro eselbeentreguemasditas/22 cincoenta outavas deouro porlhebepertencerem/23pellodito meu afillhado ser seu escravo/ / De/24claroque pagas as minhas dividas declaradas/25pagarsehá outras quaisquer queconste eu de/26va sendoapessoade conhecida verdade que/27todas selevaram emconta ameus Testamen/28 teyros/ / Declaro que pago tudo naforma que/29tenhodito detudo omais que ficar demeus/ /30bens dando acada hum dos meus herdeyros/31oquelbetocar, da minha terssa he minha uliti/32mavontade dispor naforma seguinte/ / De/33claroque desti[perda] a minha terça[perda]/34poder amplo aos meus Testamenteyros]/35

[Fl.115v]

[ilegível]/ 1 [ilegível]/ 2 [ilegível]/ 3[ilegível]/ 4 Declaro que meu outro tes /5 tamento equero que so oresolva dentro/6por equanto nam valha como testamento va/7 lba como condicilho ecomo disposisoes [ilegível]/ 8 Declaro que tudo o que neste certao/8 e muito ordeno he minha ultima vontade a/9 simquepesso aos meos testamenteyros nome/10 ados por [ilegível] de Deus epor me fazer a merce/11 queirao ser meus testamenteyros como no pri/12 meiro confesso testemunho nosso aos quais lbe/13 determino solidum de todo o poder que [ilegível]/14posso e for necessário para meu enterramento/15 ecumprimento demeus legados epagas as minhas/16 dividas eporquanto este he minha ultima/17vontade na forma quetenho dito/ / Roguey a/18 Bernardo Carvalho de Azevedo que este pormim/19fizesse como testemunha e assinasse com meu[ilegível]/ 20 como meu sinal que he uma cruz com/21 [ilegível] Araial do Tejuco aos trinta e um/22 de Março de mil setecentos e quarenta e nove/23/ / sinal/ / Theresa Teyxeyra de Souza/ / huma cruz/ / /24/ / Como testemunha que este fis arogo e assiney/25 A testadora Bernardo Carvalho de Azevedo/ /26_____

Aprovação de Testamento/27 Saibaõ quantos este publico instrumento/28 de aprovação de Testamento [ilegível]/29 melhor lugar baja virem que sendo no anno/30 do Nascimento de Nosso Senhor Jezus christo/31 de mil e Sette Centos equarenta e nove an/32 nos aos trinta e hum dias do mês de Março do/33 [dito a] nno neste Arrayal de Tejuco Termo/34 [perda] em cazas de morada do/35

[Fl 116]

de morada de Theresa Teyxeira de Souza parda/1 forra onde eu Tabaliam aodiante nomeado/2 fui vindo aby prẽ[z]entes as Testamunhas aodi/3 ante nomeadas e assinadas pella dita Theresa/4 yxeira de Souza foraõ entregues das suas maõs/5 as minhas estas duas folhas de papel enellas escri/6 tas quatro laudas contendo aem [P] que principiey/7 esta aprovação dizendo que hera o seu solemne/8 Testamento o qual mandara escrever por Ber/9 nardo Carvalho de Azevedo que com efeito oes/10 crevera e depois de escrito lbo lera epello achar/11 conforme e naverdade como havia ditado/12 o assinar como seu sinal costumeado que/13 he uma cruz e também o assinara de como/14 o fizera o dito Bernardo Carvalho de Azevedo/15 pello que por ser sua ultima derradey rãvon/16 tade queria que em todos se lbedesse seu in/17 teyrocumprimento de justissa e Requeero/18 e pedio a mim Tabaliam que lho aprovasse/19 tanto quanto hera de minha obrigação por/20 eu Tabaliam ver e reconhecer adita Testadora/21 Theresa Teyxeira de Souza pella propria de/22 que fasso menssaõ e estar doente mas depe/23 de que deife mas em seu perfeito juizõ eem/24 tendimento segundo me [ilegível] as res/25 postas que medeu as perguntas quel he fis perã/26 te as Testemunhas lhe aseytey o dito Testamen/27 too qual corri pellos olbos epellos achar sem/28 borraõ nem entre Linha nem Rasgadura nem/29 couza que duvida fassa lho aseytey e Rubri/30 quey com a minha Rubrica que dis Franco/31 em cada hum das extremidades das mês [mas]/32 folhas de papel quan [perda] Raza [perda]/33

[Fl 116v]

[ilegível]/1 [ilegível] esta aprovação sendo a tudo portestemunhas/2 presentes Domingos Ferreyra Alvarenga, Ma/3 noel de Souza Borges Luis de França Joze Ro/4 drigue snn Soares e Luis Marques de Almeyda/5 todas pessoas Reconhecidas de mim Tabaliam/6 e arogoda Testadora assinou Antonio de Ara/7 ujo de Freyras e eu Joaõ da Silva Franco Ta/8 baliã que oescrevy/ / Lugar dosinal publi/9 co/ / Em Testemunha de verdade Joaõ da Sil/10 va Franco/ / ARogoda Testadora Antoniode/11 Araujo de Freytas/ / Luis Marques de Almeyda/12 / / Domingos Ferreyra Alvarenga/ / Joze Ro/13 drigue Soares/ / Luis de França/ / Manoel de/14 Souza Borges/ _____ Abertura _____/15
Certifico eno Padre Antonio Caetanode Lima/16 e Castro Capellaõ desta Capella de Santo An/17 tonio do tejuco que para haver dedar a sepul/18 tura o Corpo de Theresa Teyxeira

falecida nes/19te Arayal abri oseu Testamento cujo achey/20cozido elacradooqual entrego
aseu Testa/21menteyro MaximianoTeyxeira epor assim ser/22verdade passey estacertidaõ
deminha Letra/23e Sinal Tejuco trintadeAbrilde mil de mi[sic]/24e Settecentos
equarentaenove// oCapellaõ/25Antonio Caetano deLimaCastro///26Naõ aseyto
oTestamento pellos meus achaques/27meempedir TejucotrintadeAbrilde mil/28eSettecentos
equarentaenove// Joã Teyxeir/29[ra]deSouza/==// Cumprassesalvoperjuizo/30[de]
terceyros VilladoPrincipe humde Junhode/31mil eSettecentos equarenta enove//
Moreyra///32

_____ Termo de aseytaçã _____/33

[F117]

_____ Termode aseytaçã _____/1

Aosdous dias do mes de Junhodemil/2eSettecentosequarente enove annos/3nestavilladoPrincipe
eçasas demorada de/4mim Escrivamaodiante nomeado e ahy con/5pareceu prezente
Maximiano Teyxeira de/6Souza que Reconheço pello proprio eporelle/7foi dito que de seu[sic]
livre vontade aseytava/8aTestamentaria dadefunta Sua May Theresa/9TeyxeiradeSouza
eSe obrügava por Sua pessoa/10ebens aCumprir comasobrigaçõens de bom Tes/11tamenteiro